

Aula 5 – A Revolução dos Annales - Parte 2: A Terceira Geração e a Nova História

A Revolução dos Annales e a Nova História

Olá! Seja bem-vindo(a) à Aula 5 do nosso curso de Historiografia e Métodos de Pesquisa. Sabemos que o dia a dia pode ser corrido, mas a sua dedicação em aprofundar seus conhecimentos em história é inspiradora. Nesta aula, vamos continuar nossa jornada pela fascinante Revolução dos Annales, mergulhando na sua terceira geração e na emergência da chamada "Nova História".

Na aula anterior, exploramos as raízes e os primeiros passos da Escola dos Annales, entendendo como ela desafiou a história tradicional, focando em estruturas sociais e econômicas de longa duração. Agora, vamos ver como essa corrente evoluiu, ampliando seu olhar para dimensões mais sutis e profundas da experiência humana. Prepare-se para descobrir como a história começou a se interessar não apenas pelo que as pessoas faziam, mas também pelo que elas pensavam, sentiam e imaginavam.

Ao final desta aula, você será capaz de:

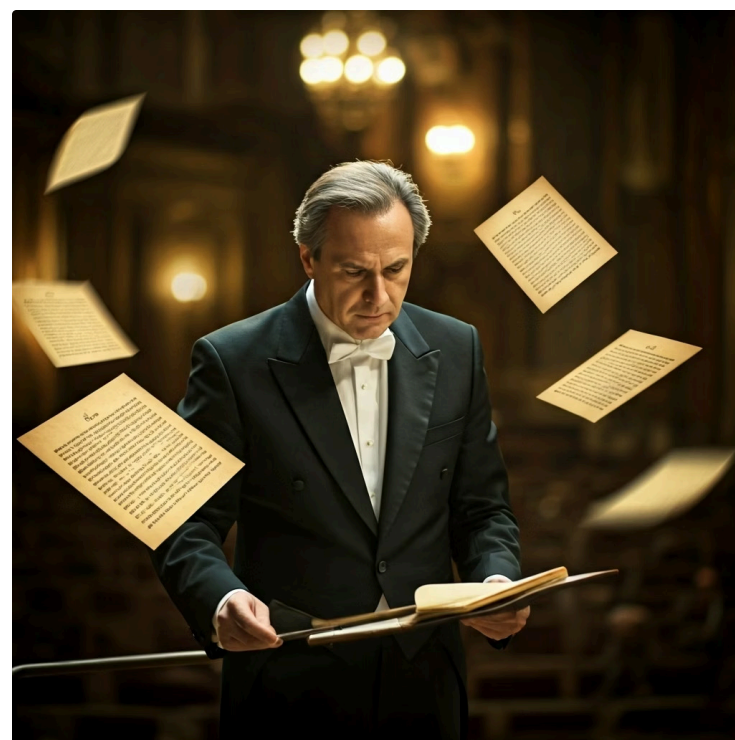
- Identificar as principais características da terceira geração dos Annales e da Nova História
- Compreender os conceitos de "história das mentalidades" e "história do imaginário"
- Reconhecer a contribuição de Georges Duby e Jacques Le Goff para a historiografia contemporânea
- Analisar o impacto da Antropologia Histórica na pesquisa histórica
- Discutir a fragmentação do objeto histórico e suas implicações
- Conectar as inovações dos Annales com tendências atuais como a História Digital e a História Pública

Esta aula é um convite para expandir sua visão sobre o que é possível pesquisar e entender sobre o passado. É uma oportunidade para você, estudante universitário, enriquecer seu repertório acadêmico e, para você, candidato a concurso, fortalecer sua base para avaliações de títulos e critérios de capacitação. Vamos juntos desvendar como a história se tornou mais humana e multifacetada.

A Evolução do Olhar Histórico: Da Estrutura à Mente

Imagine que a história é como uma grande orquestra. Nas primeiras gerações dos Annales, o foco estava nos instrumentos de base – a seção de cordas e percussão, que davam o ritmo e a estrutura fundamental da melodia. Eles se preocupavam com a economia, a demografia, as grandes estruturas sociais que sustentavam a vida das pessoas. Era um olhar macro, essencial para entender o palco onde tudo acontecia.

Mas a história não parou por aí. Com o tempo, percebeu-se que, para entender a complexidade da sinfonia humana, era preciso ir além da estrutura. Era necessário ouvir os sopros, os metais, as vozes individuais e coletivas que davam cor e emoção à melodia.



A terceira geração dos Annales, que emergiu a partir dos anos 1970, começou a fazer exatamente isso: deslocou o foco para as dimensões culturais, simbólicas e psicológicas da vida humana.

1

Primeira Pergunta

"Como as pessoas vivem?"

Foco nas estruturas econômicas e sociais

2

Nova Pergunta

"Como as pessoas pensavam, sentiam e davam sentido ao mundo?"

Foco nas dimensões culturais e psicológicas

Essa mudança não significou abandonar o que já havia sido construído, mas sim adicionar novas camadas de compreensão. Essa virada cultural foi um marco, abrindo portas para uma história mais rica e menos determinista, onde as ideias e as crenças tinham um papel tão importante quanto as condições materiais.

Essa nova abordagem, muitas vezes chamada de "Nova História", não era uma ruptura total, mas uma evolução natural. Ela buscava integrar o social e o econômico com o mental e o cultural, criando uma visão mais holística do passado.

Era como se, depois de mapear o terreno, os historiadores começassem a explorar as paisagens internas, os labirintos da mente coletiva.

Desvendando o Invisível: A História das Mentalidades

Pense por um momento: o que realmente move as pessoas? Não são apenas as leis, a economia ou as estruturas sociais. São também as crenças, os medos, as esperanças, os valores que moldam suas ações e reações. A [história das mentalidades](#) surge exatamente para explorar essa dimensão mais profunda e, por vezes, "invisível" do passado.

O que são Mentalidades?

Formas de pensar, sentir e agir comuns a um grupo social em uma época determinada

Não é Psicologia Individual

É uma "psicologia coletiva" - atitudes e representações que permeiam o cotidiano

A "Atmosfera" de uma Época

O "clima" intelectual e emocional que envolvia as pessoas

Não se trata de uma psicologia individual, mas sim de uma "psicologia coletiva", um conjunto de atitudes e representações que, embora não sejam conscientes ou articuladas como uma filosofia, permeiam o cotidiano e as decisões de uma sociedade. É como tentar entender a "atmosfera" de uma época, o "clima" intelectual e emocional que envolvia as pessoas.

❓ **Exemplo Prático:** Como as pessoas da Idade Média encaravam a morte? Era um fim absoluto, uma passagem, um castigo? A resposta a essa pergunta revela muito sobre a mentalidade daquele tempo.

Grandes nomes como **Georges Duby** e **Jacques Le Goff** foram pioneiros nesse campo. Eles buscaram em fontes não tradicionais – testamentos, rituais, iconografia, literatura popular – pistas sobre essas mentalidades. Duby, por exemplo, investigou a mentalidade feudal, a forma como os nobres e camponeses percebiam sua posição no mundo e suas relações de poder. Le Goff, por sua vez, mergulhou no universo medieval, explorando a concepção do tempo, do trabalho e do próprio Purgatório como uma construção mental coletiva.

A história das mentalidades nos convida a ir além dos grandes eventos e personagens, para entender o substrato cultural que sustentava a vida de milhões de pessoas comuns. Ela nos ajuda a compreender por que certas decisões foram tomadas, por que certas crenças persistiram e como as sociedades se adaptavam ou resistiam às mudanças, tudo isso a partir do seu próprio "software" mental.

O Poder da Imaginação: A História do Imaginário

Se a história das mentalidades busca as estruturas de pensamento coletivas, a [história do imaginário](#) vai um passo além, focando nas representações simbólicas, nos mitos, nas fantasias e nos sonhos que uma sociedade constrói sobre si mesma e sobre o mundo. É o estudo de como as pessoas "imaginam" a realidade, e como essa imaginação, por sua vez, molda a realidade.

Mapa vs. História de Aventura

O mapa (mentalidades) mostra as rotas e os marcos, as estruturas básicas. A história de aventura (imaginário) preenche esse mapa com dragões, tesouros escondidos, heróis e vilões.

Poder do "Irreal"

Esses elementos, embora não sejam "reais" no sentido material, têm um poder imenso de influenciar comportamentos, criar identidades e justificar ações.

Jacques Le Goff é um dos grandes expoentes da história do imaginário. Ele demonstrou como a crença no Purgatório, por exemplo, não era apenas uma doutrina teológica, mas uma poderosa construção imaginária que reorganizou a vida social, a economia (com as indulgências) e as relações entre vivos e mortos na Idade Média. O Purgatório era um "lugar" imaginado que tinha consequências muito reais.

Conceito	Âmbito/Foco	Exemplo
História das Mentalidades	Estruturas de pensamento, atitudes e valores coletivos	A percepção da morte na Idade Média; a mentalidade feudal
História do Imaginário	Representações simbólicas, mitos, fantasias, sonhos coletivos	A crença no Purgatório; o imaginário sobre o "outro" (selvagem, estrangeiro)

Da mesma forma, o imaginário sobre o "bom selvagem" ou o "paraíso perdido" influenciou as grandes navegações e a colonização. A história do imaginário nos mostra que as sociedades não são apenas construídas por fatos concretos, mas também por narrativas, símbolos e representações que as pessoas criam e nas quais acreditam.

É o estudo dos "mundos possíveis" que as pessoas conceberam, e como esses mundos influenciaram o mundo real. Entender o imaginário de uma época é crucial para decifrar suas motivações mais profundas e suas visões de futuro.

Os Arquitetos da Nova História: Georges Duby e Jacques Le Goff

A terceira geração dos Annales, e a conseqüente "Nova História", não teriam o impacto que tiveram sem a liderança e a produção intelectual de figuras como **Georges Duby** (1919-1996) e **Jacques Le Goff** (1924-2014). Eles não apenas teorizaram sobre as novas abordagens, mas as aplicaram em pesquisas monumentais, que se tornaram referências para gerações de historiadores.

Georges Duby

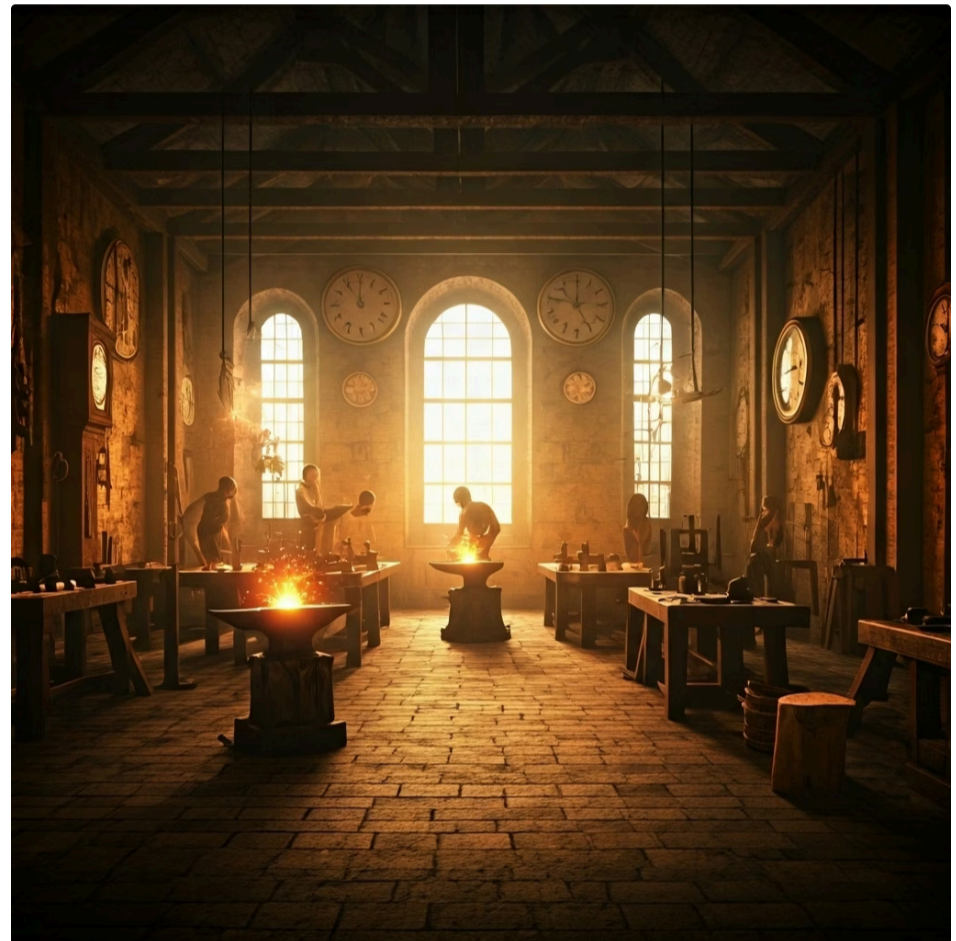


Georges Duby foi um mestre na arte de desvendar as estruturas sociais e as mentalidades da Idade Média. Sua obra "As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo" é um exemplo brilhante de como ele analisava as representações sociais para entender a organização da sociedade feudal.

Ele não se limitava a descrever a hierarquia, mas investigava como essa hierarquia era concebida, justificada e vivida pelas pessoas da época. Duby tinha uma capacidade ímpar de conectar o material e o simbólico, mostrando como as relações de poder eram também relações de crença e representação.

“ A colaboração e o diálogo entre Duby e Le Goff representam o espírito da Nova História: uma história aberta, interdisciplinar, que não teme explorar novas fontes e novos objetos. ”

Jacques Le Goff



Jacques Le Goff, por sua vez, é talvez o nome mais associado à Nova História e à história do imaginário. Sua paixão pela Idade Média o levou a explorar temas como o tempo, o trabalho, a infância e, notavelmente, o Purgatório.

Em "O Nascimento do Purgatório", Le Goff demonstra como uma ideia teológica se transformou em uma instituição social e um "lugar" imaginário que moldou a vida e a morte dos medievais. Ele era um historiador que dialogava intensamente com a antropologia, a sociologia e a literatura.

“ Eles nos ensinaram que a história não é apenas sobre reis e batalhas, mas sobre a vida cotidiana, as crenças populares, os rituais e as formas como as pessoas comuns davam sentido à sua existência. ”

Mergulhando nas Culturas: A Antropologia Histórica

A virada cultural da terceira geração dos Annales não aconteceu no vácuo. Ela foi profundamente influenciada pelo diálogo com outras ciências humanas, especialmente a **Antropologia**. Essa fusão deu origem ao que conhecemos como **Antropologia Histórica**, uma abordagem que aplica conceitos e métodos antropológicos ao estudo do passado.

01

Observação Cultural

Um antropólogo passa tempo com as pessoas, observa seus rituais, suas interações diárias, seus símbolos

02

Compreensão de Significados

Busca compreender o significado de suas ações dentro da própria lógica cultural

03

Aplicação ao Passado

A Antropologia Histórica faz algo semelhante, mas com sociedades passadas

Imagine que você está tentando entender uma cultura completamente diferente da sua. A Antropologia Histórica busca entender as lógicas internas das sociedades passadas, não as julgando pelos nossos padrões atuais, mas tentando captar como elas próprias davam sentido ao seu mundo.



Rituais e Cerimônias

Casamentos, funerais, festas populares, coroações – o que eles revelam sobre a sociedade?



Símbolos e Representações

O significado de cores, objetos, gestos, animais em diferentes culturas e épocas



Vida Cotidiana

Como as pessoas comiam, vestiam, moravam, se relacionavam no dia a dia



Micro-práticas

Pequenos gestos e hábitos que, juntos, formam a tessitura da vida social

- ✔ **Exemplo Clássico:** O estudo do **Carnaval** não se trata apenas de uma festa, mas de um ritual complexo de inversão social, onde as hierarquias são temporariamente subvertidas, as regras são quebradas e a ordem é desafiada. Ao analisar o Carnaval em diferentes épocas, historiadores puderam entender as tensões sociais, as válvulas de escape e as formas de expressão popular.

A Antropologia Histórica enriqueceu a historiografia ao trazer uma sensibilidade maior para a diversidade cultural do passado. Ela nos ensinou a olhar para o "exótico" no próprio passado, a valorizar as particularidades e a complexidade das experiências humanas, mesmo aquelas que parecem estranhas à primeira vista. É uma ponte entre o que foi e o que é, mostrando que a humanidade, em suas múltiplas manifestações, sempre buscou significado e expressão.

O Mosaico do Passado: A Fragmentação do Objeto Histórico

Com a expansão do olhar histórico para as mentalidades, o imaginário e a antropologia, uma consequência natural foi a **fragmentação do objeto histórico**. Se antes a história se preocupava com grandes narrativas – a história dos estados, das revoluções, das classes sociais – agora ela se abria para uma infinidade de temas antes considerados "menores" ou irrelevantes.

História Tradicional

Um grande quadro pintado em tela única, mostrando uma paisagem vasta e imponente

Nova História

Pequenos quadros detalhados e focados: história da família, da infância, da mulher, da alimentação, do corpo, das emoções

Essa tendência, por vezes chamada de "história em migalhas" por seus críticos, gerou um debate intenso. Por um lado, ela permitiu uma profundidade e uma riqueza de detalhes sem precedentes. Vozes antes silenciadas – as dos camponeses, das mulheres, das minorias – puderam ser ouvidas. A história se tornou mais democrática, mais inclusiva.

Benefícios da Fragmentação

- Profundidade e riqueza de detalhes
- Inclusão de vozes marginalizadas
- História mais democrática
- Valorização de experiências não-oficiais
- Desenvolvimento da Micro-história

Críticas e Desafios

- Perda da síntese geral
- Risco de trivialização
- Dificuldade de conexão entre temas
- Fragmentação excessiva
- Falta de visão de conjunto

A **Micro-história**, por exemplo, que se desenvolveu na Itália com nomes como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, é um exemplo dessa abordagem, focando em casos individuais ou pequenas comunidades para revelar lógicas sociais mais amplas.

Apesar das críticas, a fragmentação foi um movimento irreversível e, em grande parte, positivo. Ela nos ensinou que o grande e o pequeno estão interligados, que a história é um vasto mosaico onde cada peça, por menor que seja, contribui para a imagem completa.

O desafio, hoje, é encontrar formas de conectar essas "migalhas" em narrativas mais amplas, sem perder a riqueza dos detalhes.

Conectando Pontos: Da Fragmentação à História Global e Digital

A aparente fragmentação do objeto histórico, impulsionada pela terceira geração dos Annales, paradoxalmente, abriu caminho para novas formas de síntese e conexão no século XXI. Se a Nova História nos ensinou a olhar para o particular e o cultural, as tendências atuais, como a **História Digital** e a **História Pública**, mostram como esse olhar ampliado pode ser aplicado e disseminado em um mundo cada vez mais conectado.



História Digital

Uso de arquivos digitais, bancos de dados e ferramentas de análise de texto. Permite processar volumes imensos de informação e identificar padrões antes impossíveis de detectar.

- Mineração de dados históricos
- Validação de fontes online
- Curadoria de acervos digitais
- Narrativas interativas



História Pública

Demanda crescente por historiadores fora da academia. Comunicar o passado de forma acessível e relevante para o grande público.

- Museus e arquivos
- Produção de documentários
- Consultorias para mídia
- Projetos de memória

A **História Digital** é um exemplo claro de como a abertura metodológica dos Annales se mantém relevante. A capacidade de lidar com "migalhas" de dados e transformá-las em insights é uma herança direta da atenção aos detalhes da Nova História.

A **História Pública**, por sua vez, reflete a crescente demanda por historiadores fora dos muros da academia. A Nova História, com seu foco na vida cotidiana, nas mentalidades e no imaginário, tornou a história mais "humana" e, portanto, mais atraente para o público em geral.

Micro-história
Aprofunda o olhar sobre o particular



História Global

Busca conexões transnacionais e de longa duração

Conexão Local-Global

O local e o global estão interligados

Finalmente, a **Micro-história e História Global** representam dois polos que, embora opostos em escala, dialogam com o legado dos Annales. A conexão entre elas reside na compreensão de que o local e o global estão interligados: um evento em uma pequena aldeia pode ter ressonâncias globais, e processos globais afetam a vida local. A capacidade de transitar entre essas escalas, de ver a "migalha" no contexto do "mosaico" global, é um dos maiores desafios e oportunidades para a historiografia contemporânea.

Síntese e Próximos Passos

Chegamos ao fim da nossa exploração sobre a terceira geração dos Annales e a Nova História. Vimos como o olhar historiográfico se expandiu das grandes estruturas para as sutilezas das mentalidades e do imaginário, impulsionado por figuras como Georges Duby e Jacques Le Goff. Essa virada cultural, influenciada pela Antropologia Histórica, nos permitiu compreender o passado de uma forma mais rica e multifacetada, valorizando a experiência humana em suas diversas dimensões.



Apesar da aparente fragmentação do objeto histórico, essa abertura metodológica pavimentou o caminho para as tendências atuais, como a História Digital e a História Pública, que buscam novas formas de pesquisar, analisar e comunicar o passado. A capacidade de conectar o micro ao macro, o local ao global, e de usar novas ferramentas para desvendar as complexidades da experiência humana, é o legado duradouro da Revolução dos Annales.

Em prática:

- Ao analisar um evento histórico, pergunte-se não apenas "o que aconteceu?", mas "o que as pessoas pensavam e sentiam sobre isso?"
- Busque fontes não convencionais (arte, literatura, rituais) para entender as mentalidades de uma época
- Considere como as tecnologias digitais podem auxiliar sua pesquisa histórica, desde a busca por fontes até a análise de dados
- Pense em como a história que você estuda pode ser relevante e comunicada para um público mais amplo

Autoavaliação

1. Qual das seguintes opções melhor descreve a principal mudança de foco da terceira geração dos Annales em relação às gerações anteriores?

a) Ênfase exclusiva na história política e militar.

b) Deslocamento do foco das estruturas econômicas e sociais para as dimensões culturais e mentais.

c) Retorno à história dos grandes homens e eventos.

d) Concentração apenas na história demográfica e quantitativa.

2. A "história do imaginário", conforme desenvolvida por Jacques Le Goff, busca compreender:

- **a)** A psicologia individual de figuras históricas proeminentes.
- **c)** As representações simbólicas, mitos e fantasias que uma sociedade constrói sobre si mesma e o mundo.

- **b)** As estruturas econômicas que moldam as crenças populares.
- **d)** Apenas os sonhos e delírios de indivíduos em períodos de crise.

3. A Antropologia Histórica é uma abordagem que:

→ **a)** Ignora completamente as fontes escritas, focando apenas em vestígios arqueológicos.

→ **b)** Aplica conceitos e métodos antropológicos ao estudo do passado, focando em rituais, símbolos e vida cotidiana.

→ **c)** Limita-se ao estudo de sociedades pré-históricas e tribais.

→ **d)** Defende a superioridade de uma cultura sobre outra na análise histórica.

4. A tendência de "fragmentação do objeto histórico" na Nova História, embora criticada, teve como um de seus principais benefícios:

a) A simplificação da pesquisa histórica, tornando-a mais rápida.

b) O abandono total das grandes narrativas em favor de estudos isolados.

c) A inclusão de vozes e experiências antes marginalizadas, como as de camponeses e mulheres.

d) A padronização dos métodos de pesquisa em todas as áreas da história.

5. Explique brevemente como a abertura metodológica da Escola dos Annales, especialmente em sua terceira geração, pode ser vista como um precursor para o desenvolvimento da História Digital e da História Pública nos dias atuais.

📄 Espaço para sua resposta dissertativa...

Gabarito

1

Questão 1

Resposta: b)

2

Questão 2

Resposta: c)

3

Questão 3

Resposta: b)

4

Questão 4

Resposta: c)

Questão 5 - Resposta Dissertativa:

A Escola dos Annales, ao romper com a história tradicional e buscar novas fontes e objetos de estudo (como mentalidades e imaginário), demonstrou uma abertura interdisciplinar e metodológica. Essa flexibilidade e a valorização de aspectos culturais e cotidianos tornaram a história mais acessível e relevante.

Essa base permitiu que, com o avanço tecnológico, historiadores adotassem ferramentas digitais para analisar grandes volumes de dados (História Digital) e que a história se expandisse para fora da academia, comunicando-se com o público em geral (História Pública), pois já havia um interesse em temas mais "humanos" e menos elitistas.

✔ **Parabéns!** Você concluiu a autoavaliação da Aula 5. Continue praticando e aprofundando seus conhecimentos sobre a historiografia contemporânea.

Próxima Aula e Recursos Adicionais

Próxima Aula

Aula 6: [O Marxismo e a História: Materialismo Histórico](#)

Veremos como as ideias de Karl Marx influenciaram profundamente a forma de se pensar o passado, focando nas relações de produção, nas classes sociais e na luta por transformações.

Recursos Adicionais



Livro Recomendado

LE GOFF, Jacques.
A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Para aprofundar nas bases teóricas da Nova História e compreender melhor os conceitos apresentados nesta aula.



Artigo Acadêmico

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia.* São Paulo: Editora Unesp, 1991.

Visão geral e crítica sobre as gerações dos Annales, essencial para uma compreensão mais ampla do movimento.



Documentário

"Le Goff, un historien dans le siècle"

Disponível em plataformas de vídeo. Para conhecer mais sobre a vida e obra de Jacques Le Goff, um dos principais nomes da Nova História.

⚠️ NOTA IMPORTANTE: As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.

Obrigado por sua dedicação aos estudos históricos!
Continue explorando o fascinante mundo da historiografia.